

O recato e o exibicionismo em um colóquio sobre Gilda de Mello e Souza

A figuração da intimidade não é para todos e está mais para uma arte ou uma grande performance

Mario Sergio Conti

Folha de S. Paulo, 30.jun.2023

• • [O Sesc promoveu em São Paulo](#), na terça e quarta-feira passadas, [um colóquio sobre Gilda de Mello e Souza](#). Foi um encontro instigante de professoras, intelectuais e admiradores da autora de "O Espírito das Roupas". Transcritas, as palestras renderiam um belo livro.

Contudo, tal livro não captaria todas as nuances da jornada sobre Gilda de Mello e Souza —o prenome antiquado e o sobrenome duplo, ligados por "de" e "e", formam octossílabo que evoca a elite d'antanho.

Talvez por isso os palestrantes preferiram tratá-la por Gilda ou dona Gilda, dando um respeitoso ar de família ao colóquio. Ar pré-feminista, acrescente-se: ninguém se referiu a seu marido, [Antonio Candido de Mello e Souza](#), como dom, senhor ou banal Antonio.

O ar de família propriamente dito subjazia os delicados arabescos gestuais, a elegância sóbria, a preciosa elocução das descendentes da ensaísta. Conforme bradavam os chiques em priscas eras: bravo! Com circunflexo no "o", por favor, para dar um charme. Hoje exclamam: massa!

Uma tela deslizou sobre a parede e surgiu a, por assim dizer, anfitriã da festa. Em agosto de 2002, a senhora de Mello e Souza concedeu [uma entrevista a Carlos Augusto Calil](#).

Conversaram densamente [sobre "Violência e Paixão", de Luchino Visconti](#). Foi estupendo.

Ela veste saia, blusa e blazer cremes. Sapato bicolor de salto baixo. Colar de pérolas de uma volta. Anéis dourados nos mindinhos, brincos, pulseiras, relógio de pulso de correia marrom. O batom é de um vermelho pálido. Os cabelos grisalhos, bem penteados, não têm uma mecha fora do lugar.



Ilustração de Bruna Barros para coluna de Mario Sergio Conti de 30 de junho de 2023 - Bruna Barros

A fala sem afetação não se distingue da linguagem escrita. Isenta de maneirismos acadêmicos, explica o filme tintim por tintim. Sua figura parece ter sido arquitetada para, sem chamar a atenção para si, compartilhar a grande arte de Visconti, repensar a intimidade em "Violência e Paixão".

O filme destaca a vida de um americano erudito, [feito por Burt Lancaster](#). Ele vive num apartamento suntuoso, em Roma, onde coleciona quadros ingleses do século 18. Sem altivez heroica, são retratos íntimos de aristocratas com a família, com seus bichos e posses.

O cotidiano pacato do sábio é violentado pelos eletrochoques dos vizinhos. É uma família podre de rica, ligada a fascistas e traficantes, conduzida por uma condessa, [vivida por Silvana Mangano](#), e seu amante, [interpretado por Helmut Berger](#). Bárbaro e voraz, o bando seduz o velho professor.

A entrevistada contrasta duas intimidades. Uma foi petrificada na arte, está emoldurada nas paredes. A outra é a do exibicionismo atual, que se espoja na baixaria. Como situar-se entre o recato de uma tela de sir Joshua Reynolds e, digamos, [o clipe de Anitta fazendo boquete num beco](#)?

Ela afirma que a noção de intimidade da sua geração —morreu em 2005, com 86 anos— está perecendo. [Ao comentar "Morte em Veneza", também do diretor](#), completa: "Me incomodou muito ver o compositor no qual Visconti se projeta, mascarado, e a maquiagem derretendo".

De fato, a cena choca. O compositor, vivido por Dirk Bogarde, está maquiado de maneira caricata porque quer atrair o efebo Tazio interpretado por Björn Andrésen. Porém, a peste que envenena a sereníssima já o contagiou. No limiar da morte, goteja tinta e suor, tiritando ao som da "Quinta Sinfonia", de Mahler.

Quase tão chocante quanto a morte é o que ela fala em seguida: a cena era um "ato de autopunição doloroso, que eu não tinha o direito de contemplar". O problema não estava em "Morte em Veneza", pois. Estava nela, que não devia ver o que viu. Por que será —decoro, autorrepressão, vergonha?

Seja que afeto for, cabe noutra lição dela na entrevista exibida no colóquio: "a visão que temos de uma obra de arte é muito deformada pelo olhar do observador". Mas, antes do espectador, contam mais o talento do cineasta e do elenco.

[Alain Delon, o anjo de "Rocco e Seus Irmãos"](#), disse: "Minha formação de ator, e até de homem, veio na maior parte de Visconti". Silvana Mangano falou que, quando o diretor a orientou para o papel da baronesa de "Morte em Veneza", ele discorreu ternamente, com minúcia, sobre a mãe.

Burt Lancaster contou que viu, no cenário de "O Leopardo", uma gaveta com camisas inglesas finas. Ficou encantado e perguntou a Visconti por que não a filmava. Ele respondeu que a gaveta não era para qualquer um, e sim para o ator, que ao vê-la poderia inventar o príncipe de Salina.

A figuração da intimidade não é para todos. É arte, uma grande performance. Desvenda ou se rende a uma época.